

estar do  
a. Em tu-  
s de sua  
alho do  
alma.  
co esta-  
ar con-  
va con-  
Nunca  
arar. És  
u no co-  
es, gran-  
ue foram  
omicidas  
Daque-  
s valetas  
r compa-  
que nem  
por não  
a nosso  
para sei

ha para  
leiros da  
da Galí-  
Que é a  
Pentecos-  
Cristo vi-  
cai pelo  
nos que  
nde fos-  
sistiram  
s, à res-  
te viram  
m plena  
à Trans-  
or. Aque-  
esús pôs  
i o mar,  
ra sereis

Tocados,  
ora, não  
não pre-  
umanos.  
ei forem  
a. Ai de  
ram dar  
o remé-

ue estes  
o fel há  
Justo. É  
mos nas  
a capela  
dar as

ta. Pena  
o triste.  
se vire  
a foto é  
que esta  
propõe  
do Se-

orrar...  
Toda a  
lhares e  
fluem à  
ica sub-  
assabiél-

o cente-  
orno da  
imagem  
z e afo-  
ra todos  
da sua  
cipamos  
ngeiros.  
te. Não  
anto Sa-  
hora D.  
sil, que  
o amigo  
a do M.  
eixamos  
trou na

Daniel



# Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Vales do Correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário  
Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR  
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

ANO XV — N.º 390 — Preço 1\$  
21 DE FEVEREIRO DE 1959

## Facetas de uma Vida

Uma impressão que sobressai destas notas, coligidas «às furtadelas» — no dizer do Rev. Padre Euclides Morais — é a preocupação do Américo de Aguiar pelos seus companheiros, quase todos muito mais jovens, a quem ele deseja comunicar os melhores frutos da sua maturidade: Desde aquele Círculo de Estudos, muito mais pastoral do que académico, até ao «Lume Novo», sem hesitar em pôr o dedo em certos pontos bem concretos e delicados como o da comunhão frequente.

Vamos guardar hoje, alguns depoimentos que confirmam inteiramente a sua piedade, firmada na intimidade com Jesus, a qual, crescendo sempre, permaneceu até ao fim, fazendo dele o homem devoto, medroso das devoções.

Ouçamos o Padre Eugénio Martins, hoje Professor no Liceu D. João III, e que no Seminário, «foi súbdito» de Pai Américo.

«Ele (o Américo) tinha a preocupação da perfeição em grau superior ao comum, talvez como todos os convertidos, e reparava nas mínimas coisas, que não deixava passar em vão. Muito hábil para lidar com os homens, quase instintivamente lhe acudiam meios de os conduzir. Entre eles a alegria e boa disposição. Nisto era mestre consumado. Lidava familiarmente com os alunos e estes sentiam-se à vontade com ele, no que começava a afastar-se ligeiramente dos usos do tempo, diminuindo as distâncias, então em voga.

O seu amor à Santa Eucaristia era tal, que — segundo diz ainda o Rev. mo Padre Augusto Nunes Pereira — não se conformava com o regulamento de Sexta Feira Santa proibindo a Sagrada Comunhão. Duma vez insistiu tanto que lhe ministraram naquele dia.

Ainda nesta aspiração Pai Américo foi um adiantado no seu tempo. Agora compreende melhor a grande alegria que experimentou, quando da Reforma Litúrgica do Tríduo Pascal que restabeleceu a Comunhão dos Fieis na cerimónia da tarde de Sexta Feira Maior.

Firmado tão profundamente, no Mistério Central da Presença Eucarística, (como afinal na vida activa, ele continuava em íntimo convívio com o Mestre,

presente na pessoa do Pobre!), não podia deixar de ser, no mais amplo sentido, um penitente.

É, novamente, o Senhor Padre Euclides Morais, quem nos conta:

Confessava-se muito a miude. Algumas vezes chegou ao pé de mim para que o confessasse. Alguns sacerdotes não o haviam querido atender, alegando que era santo, o que muito o incomodava — dizia. E, de facto, vinha sempre visivelmente triste quando isso lhe acontecia.

No Seminário procurava o Senhor Bispo D. António Antunes, ou o Senhor Cónego Júlio António dos Santos. Na falta deles, ia ao primeiro que encontrava.

## Austeridade

Foster Dulles acaba de dizer aos seus cidadãos e ao mundo que, para se vencer o perigo comunista, será preciso um regime de austeridade no momento presente e talvez durante algumas gerações.

Em França o Governo de De Gaulle reconheceu que só uma política de severa austeridade tem possibilidades de êxito.

A Inglaterra, há muito mais tempo, reconheceu ou o caminho da vida austera ou o caminho duma potência decadente e situada num plano muito inferior.

O Brasil, para defender a moeda, reconheceu já a necessidade de seguir a mesma estrada e a Argentina não encontra outro modo de sair da revolução sempre eminente. Só a austeridade defende o homem diz o moralista. Só a austeridade defende as nações, dizem os políticos. De alguma maneira se haviam de encontrar... Só os heróis, só os santos se não deixam corromper pela prosperidade.

Poucas coisas terão sido tão mal usadas como a paz e a abundância. Geralmente o homem, de de que tenha paz, deixa de ser soldado, de de que tenha abstinência deixa de ser trabalhador. Paradoxalmente, bem examinadas as coisas, terá sido mais perigosa a paz do que

## 30.000 x 20\$ = 50 CASAS

Que feliz se deve sentir o ou a assinante (nem eu sei!...) que levantou a ideia, vendo a multidão que aí passa tendo-a abraçado. São horas de Deus, sopros do Espírito Santo, que dá a quem quer as Suas inspirações — e depois é ver os frutos que elas dão! Tudo tão simples, tão fácil! Seria assim a Paz, se os homens tivessem boa vontade! Os corações da maioria dos homens fazem-me lembrar sacos amarrotados. É preciso assoprar neles, esticá-los de qualquer outra forma, para que a sua capacidade se preste a receber na sua total medida o conteúdo que deve guardar. Deus oferece a Paz. Dá-a de graça. Está ansioso, incansavelmente ansioso, por a dar. Só os homens não esticam o saco para a receber, cada qual na sua medida. Ó cegueira! Ó cegueira maior do que a daquele homem de Jericó, que nem gritamos o único alarme que nos pode salvar: *Jesu, Fili David, miserere mei*; nem suplicamos o único remédio que nos pode curar: *Domine, ut videam*. E Cristo à nossa espera, para nos perguntar: *que queres que te faça?* — e fazer!

Que felizes, nós também, por ser «O Gaiato», o altifalante por onde o Espírito sopra o que quer, a quem quer, com frutos de maravilha: *mirabilia Dei!*

E eu começo já, que os leitores hão-de ter muito que dizer, do tanto mais que eu hei-de calar por via da limitação do espaço.

Alcobaça, assinante número 10.675. Coimbra, com mais 100 para a «Casa dos Licenciados». Leiria, a um vendedor do Famoso. «Uma antiga assinante» pedindo uma Avé-Maria pelas melhores da irmã. Póvoa de Varzim, insistindo no pedido de preces. O Assinante 32.141: «Com a expressão do maior respeito, liquido, pelo presente, o débito relativo à campanha das 50 casas».

O débito,—vejam os senhores! A Caridade posta em prática como um dever de justiça! E é assim mesmo! Este assinante vê bem. Mas tantos, meus Deus, com responsabilidade tamanha, que



Ar triste, cabelos compridos, seminú — é um filho do Barredo!



Barredo de nome, só um, sobranceiro ao Rio Douro. Outros que não de nome, mas de facto, também os há. Quis ve... Há almas que se apaixonam pelo Pobre e que vivem os problemas do Pobre como seus, gastando o melhor da sua vida nestas cruzadas sublimes. Vão até ao esgotamento. Almas felizes. Almas que irradiam a sua felicidade. Quem passa uns momentos junto delas não deixa de sentir uma atracção irresistível. Esta é a alegria autêntica, a que brota de uma consciência em paz: «Se morresse neste momento, estaria tranquila. Por certo que as únicas testemunhas de defesa no Tribunal Supremo seriam os Pobres que já lá estão e as almas brancas dos pequeninos que levei à Igreja para o Santo Baptismo!» Quão diferente daquela loutra alegria que almas cegas pela canseira do mundo vão buscar aos bailes dos nossos «Estoris» ou Casinos. Escrevo em segunda-feira de Carnaval. Quantas afrontas se não fazem ao Pobre nestes dias. E se ao menos a capa do silêncio as cobrisse...! Mas não. Os jornais falam como se de grandes acontecimentos se tratasse. Só a causa do Pobre não é digna dos grandes diários. É grande demais, para ser tratada a par da ignomínia.

não pedem: *ut videam* — e não vêm!

Assinante 30.077, manda 4 seus e outros de uma irmã Bragança. São dois a valer por quatro! Há casas de família onde entra um Jornal. Porém, para a campanha vêm todos e cada um dos que o lêem.

«Envio a pequena importância de 100\$ para a simpática campanha dos 30.000x20\$. Uma Família de Coimbra, de 5 pessoas».

E estoutra, de Braga, segue o mesmo princípio: «Como sou solteira, entro também só... Sou assinante 18.699, e que esteja atrazada no número é o meu desejo».

A Teresa de Gouveia; e outra a valer por dois: o assinante número 23.645. Vale de Cambra. E a filha do assinante 5.392, que manda um vestido, para uma doer do Calvário, no 1.º aniversário da morte de sua Mãe.

Lisboa e outra vez a capital de uma assinante de 83 anos que não tem medo do caminho; e um Alfredo.

Caldas da Rainha; Braga, quatro assinantes pela mão de Alberto

tina. «Casas dos Pobres! Uma ideia grande como há poucas! A es Santa Cruzada só com migalhas tenho ajudado, que bem lamenta. Mas migalhas também são pão para esta verdade me conforta.

Aqui vão os meus 20\$00 e com todo o meu coração. Permissão Deus que muitos vão chegando tornem realidade mais estas casas, onde Deus e Pai Américo

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

# Setúbal

Foi ontem em Setúbal a entrega de duas casas a duas famílias pobres. Era à tarde. O sol batia defronte! A Igreja esteve presente. As autoridades também. As vicentinas cheias da grandeza do momento. Muita gente.

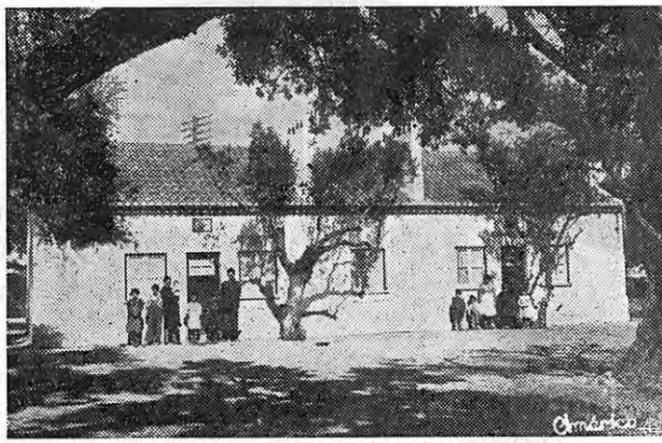
Uma coisa nova seria presenciada. Lágrimas a jorros a saltarem sem ninguém querer. Almas em festa e rostos afogueados! Gente que chora a rir! Gente que ri a chorar.

«Até faz doer a alma» fôra a exclamação da Ti Cremilde, dentro da toca, naquela tarde de Março. «Até faz doer a alma!» Eu disse que nunca assim ouvira uma expressão tão forte e tão revolucionária. Ela tinha razão. A alma devia doer-lhe muito mais que o corpo. — As feridas do espírito são mais dolorosas que as somáticas, muito mais difíceis de curar! Todos os dias eram noite e todas as noites eram trevas!

Ontem foi domingo de Páscoa! Ressurgiram da caverna mortífera para uma casa digna, sólida, larga, cheia de ar, de luz e sol. Se Cristo não ressuscitasse era vã a nossa fé. Se Cristo não ressuscitasse jamais os pobres teriam casa. Têm-na por Cristo que lhes deu. Foi Ele que obrigou os homens! O «Património dos Pobres» vem em corrente directa do Céu. É o amor de Deus! O seu testemunho mais forte, mais vivo, mais actual. Que o digam: — a aflita n.º 2 de Cascais. O Senhor Tojal de Lisboa. A família Coelho de Stanleyville. Uma velha do Porto. A Senhora Borrhalho de Setúbal que foi outro dia pró Céu! Os irmãos e irmãs Braga, do Porto. E. C. de Lisboa. Quem de Coimbra pediu uma oração por duas amigas doentes. Um Senhor de Setúbal que deu a telha. M. M. do Porto, a Senhora que iniciou a Cruzada! A Maria de Lourdes de Bragança! O assinante, 1.094 do Porto. Maria de Almada. De S. João da Madeira. De Mogadouro, Amarante. Um médico de Chaves. A Senhora do Porto que pede a conversão do Chefe de família. E outros e outros e muito mais!

Ontem as almas não doiam. Ardiam. Incendiadas no amor de Deus, na alegria celeste. Unidas em comunhão sobrenatural de benfazer. A família da toca em posse de sua casa ria por todos os sentidos e chorava de todos os modos. As vicentinas que a continuam a amparar e que em peregrinação, por famílias de Setúbal colheram o recheio completo e perfeito das casas transparesciam felicidade imperecível. Eu continuo a sofrer. Não finjo. Sofro.

Os vicentinos vão já construir mais catorze moradias tendo por molde as agora entregues. Mas que é isso se as barracas na cidade passam dos dois milhares? Peço a Deus que me dê o sofrimento dos Pobres e continuo a sofrer. Os ocupantes para as catorze casas estão à bica. De fora, já de fora, ficam duas famílias, em barracas dum compartimento esburacado a cair. Uma é uma mãe viúva, tuberculosa; quatro filhos tuberculosos, um de quatro anos, e mais três à beira do



«Ressurgiram da caverna mortífera para uma casa digna, sólida, cheia de ar, de luz e sol».

contágio, sem trabalho, sem comer e sem vestir. Fui lá outro dia. Farrapos eram cama e mobília. Um rapaz de vinte anos enrolado num cobertor sujo. O ar pesado e espesso! A outra família que fica também já de fora é: Pai e três filhos com a doença da barraca—a tuberculose, mãe e mais quatro filhos.

Não deixes de mandar o teu sacrifício. A caridade nunca acaba. O teu compromisso também ainda não acabou. Vem participar da nossa dor: — a de Cristo e a minha. Entra na Cruzada da M. M. do Porto. Mandar por mês o que puderes.

Padre Acílio

## BARREDO

CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA

\*\*\*

Combinámos o local do encontro. Foi na rampa da Sé. Um táxi, não por luxo ou comodidade, mas para aproveitar o tempo, levou-nos ao bairro novo de Pedrouços. Aqui será Barredo? Não. Ainda não é e oxalá não o seja nunca. Os responsáveis estejam atentos. Que as soluções destes problemas sejam buscadas em função do homem visto em toda a dimensão humana. Não basta construir casas de renda económica para os Pobres. Nem tão pouco transferir o Pobre da toca para uma casa airosa e limpa, se, depois, é votado ao abandono. A breve trecho, teremos a «ilha», com o cortejo de suas misérias, transplanteda de sítio menos próprio para sítio mais arejado. Mais nada. A «ilha» não desaparece e o problema continua sem solução. O Pobre tem os seus hábitos. O ambiente em que vivia não lhe proporcionava elevação. É necessário acompanhá-lo, assisti-lo na mudança. É necessário ver o Pobre, tal qual é, e ajudá-lo a ser o que queremos que seja e que afinal também quer mas não aprendeu nem pode sozinho. Só com Amor e paixão. Pai Américo compreendeu o Pobre. Ninguém como ele foi tão humano na solução dos seus problemas. Fundou o Património e quis que onde fosse criado não faltassem os vicentinos votados de alma e coração ao amparo dos Pobres, na fase difícil da mudança para uma vida mais digna a que não estavam habituados. Faltando aqueles ou quem os substituisse, então não.

Há sol e ar no bairro de Pedrouços. A obra humana, porém, ainda não está completa. Deixamos as casas novas e subimos a um morro. Aqui e além buracos na terra. «Há pouco até ali morava gente». Entramos em casa (?) de um pai de 7 filhos. Pouco trabalho. Pouco pão e a doença não o deixa. «Deus abençoa as panelas grandes». Naquele lar, a única riqueza, a autêntica, são os 7 filhos. Há a consciência de um dever cumprido à custa de heroísmo, de muita fé e confiança. E um casinha nova? «Ah! é um sonho. Peça, peça no jornal. Que seja pequenina, não importa. Que seja minha e de meus filhos. Onde não haja buracos para entrar a chuva nem o frio». Não pede pão. Quer uma casinha. Tudo isto é tão humano! E deixámo-lo na esperança de ver um dia a realização do sonho.

Continuamos. Por debaixo dos eucaliptos, quatro paredes esburacadas desafiam temerosamente os ventos e a chuva. Mais sonhos. «Se tivéssemos uma casinha...!» E logo abaixo, mais ainda. É aquele pai viúvo que não tendo onde pôr os filhos os entrega a mães maternais. Não pediram pão. Pediram uma casa onde pudessem fabricar o pão. Quantos mil escudos esbanjados nestes dias de Carnaval! Quantas paredes por levantar e telhados descobertos por esse vendaval arrasante de uma sociedade desequilibrada!

\*\*\*

Foi agora mesmo. Rogério, o nosso benjamim de 4 anos, como de costume vem dar as boas noites antes de se deitar. E segreda, baixinho, ao ouvido: «Hoje há rebuçados?» — Não, não há. Ficaram de vir. E o «Laranjinha», da mesma idade, sempre que me vê, a mesma pergunta.

Aqui a deixo para os Senhores mandarem a resposta.

Padre Manuel António

## 30.000 x 20\$ = 50 CASAS

CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA  
sempre presentes estarão.

Assinante 4.058».

O assinante 30.083 mai-la filha. «Uma assinante: vão 50\$ para a ladainha das 50 casas». Ó piedade!

«Como sou assinante do «Famoso», sinto-me com o dever de contribuir com os 20 escudos para as 50 casas para os nossos irmãos Pobres.

Tenho pena de não mandar mais mas sou criada de servir e já a caminhar para os 60 anos tenho de ajudar a sustentar a minha mãe, mas já me sinto muito feliz por poder contribuir com essa importância.

Assinante n.º 18.515».

Ó heroísmo!

«Aquele inspirada sugestão de uma leitora, não posso deixar de dizer presente e remeto 40\$ por mim e por algum que não possa dar. Desarrisquem, por favor, o assinante 28.005».

Ó fidelidade!

Albergaria-a-Velha e 100\$ não sei de onde. E Lisboa, assinantes: 4.419, 27.162 e «um esquecido».

Lisboa está a marcar! Viva a minha terra! Olhem esta carta!

«... O bem que me fez, e a inquietação que em mim deixou, a leitura do último número do «Gaiato»...

Aqui vão 200\$00, e um pedido: rezem por mim!

Eu entendo que cada casa do Património deve ser uma oração e acção de graças».

Lamas de Ferreira d'Aves, Vila Cova de Barcelos a contar por dois e 50\$ do Laurindo, do Porto, e Cartaxo e Vila Viçosa:

«Sou uma funcionária beneficiada com o novo aumento e para

## Férias forçadas em Ordins

Senhoras tecedeiras estão de férias. Não há trabalho. Há um rôr de chales em depósito e o Natal já passou: Férias forçadas em Ordins. Nada mais triste que mendigar, por não haver que fazer. Eu mendigo por elas. Não peço esmola, mas trabalho. O que te sobra entesoura-o no Banco da Eternidade. Reparte. O teu luxo transforma-o em pão para os famintos. Que à tua volta se sinta o calor da tua alma.

O Natal já passou. E eu não queria que jamais passasse... Não há festa em que nos sintamos mais unidos pelos laços do amor. Depende de ti. Faze de cada dia um dia de Natal. Mostra ao mundo que Cristo nasceu. A tua vida o dirá. Dá-te ao teu próximo pela oração e sofrimento oferecido, pelo trabalho aceite generosamente. Um sorriso, uma palavra de ânimo, uma esmola, e nisto tudo põe o amor da tua alma, na amizade com Deus. Dize sempre *sim* no serviço do teu Próximo.

Senhoras tecedeiras estão de férias. Férias forçadas em Ordins.

Padre Aires

agradecer, de algum modo, a Nosso Senhor aqui estou marcando presença, que — diga-se sem mais ninguém ouvir — o aumento foi todo para ofertar».

Bendito Deus que opera em nós! Que precisões de teologia se vêem na delicadeza desta carta!

Pois não-de todos ouvir, não-de sim senhora, que a luz não é para meter debaixo do alqueire.

Viseu, assinante 11.257; Lisboa, assinante 31.987; outra vez Viseu, de duas irmãs; e outra vez Lisboa, assinante 7.980.

Gaia, Sertã, Lisboa, Aveiro, Lobão da Beira, Porto, Cedovim, Vila do Conde (três assinantes), Coimbra e um alvitre: «Se os 30.000 não corresponderem, ao fim de meia dúzia de meses, novo apelo deve ser feito a metade, para dobrarem a parada, 40\$ em vez de 20\$ e assim se obtém o mesmo resultado: 50 casas». Ó zelo!

Outra vez, Porto e Lisboa, assinante 643 e assinante 13.356, «com o desejo de que aos primeiros 30.000, outros tantos se associem» e a assinante 9.968. E S. João do Estoril:

«A leitura atenta de «O Gaiato» prova que o nosso Povo é sensível à desgraça que aflige tantos dos nossos Irmãos. E responde sempre «Presente», quando os problemas lhe são postos com sinceridade. As obras proclamadas pelo «Gaiato», são concretas e estão à vista. O povo acredita e dá o que pode. Não se cansam pois os bons sacerdotes que tão dedicadamente trabalham e apelam para os demasiado pobres».

Agradecendo o bem que me faz a leitura desse jornal, em contraste com a dos chamados grandes da Imprensa, sou com muita simpatia».

Outra vez Gaia, assinante n.º 11.820 e uma carta muito simpática do Porto, com duas assinaturas novas e 350\$.

Mais terras. Quem quiser correr Portugal, é aqui. Lisboa (muito bem se tem portado a capital nesta campanha!), Almeirim, Avanca, Porto, Figueira da Foz, Castelo Branco, Pardelhas, Estoril, Chamusca, Covilhã, no Lar, no Espelho da Moda, aos vendedores, leitores não assinantes, Luanda... E muitas destas terras a repetir.

E o Ultramar, ainda mal se manifestou!

O Pai da assinante 14.977 com 200\$ «por mim, minha mulher e na substituição de mais 8 que porventura não o possam fazer por dificuldades materiais, lamentando não poder substituir 80 nessas condições».

Mais o assinante 13.499 e o resto da família. E o mesmo «dos 6 da família da assinante 29.894. E, dentro do mesmo espírito, este requinte de beleza e de confiança em Deus:

«Os restantes 180\$ representam a contribuição de toda a família; eu, minha mulher, meus 6 filhos e também de um outro que espero para a altura da Páscoa».

Que a sua contribuição antecipada seja compensação de muitos vivos, que ainda não nasceram para esta campanha».



## PATRIMONIO dos Pobres

Não tenho ido, mas os párocos e vicentinos vão dando conta de suas tarefas. A nossa ida pouco vale. É só necessária para acordar, quando não há outro toque mais afinado. Todas as paróquias que se propuseram cuidar de seus pobres dão graças a Deus pelas maravilhas por Ele operadas. É Deus que passa a dar fecundidade às obras dos homens. Em muitas delas não há mãos a medir. Casas a acabar e outras a subir e caboucos abertos para mais. São horas divinas. Quem pode perdê-las? Só os insensatos.

Há freguesias a acordar e a esfregar os olhos, mas o despertar é viril: Regueira de Pontes, Freineda, Lagares da Beira e outras.

Aquelas que já tem famílias a louvar a Deus pela casinha que habitam lutam para que outras famílias possam fazer o mesmo.

Na Parede há um senhor que se comprometeu a fazer uma casa por ano. E em toda aquela região, ao lado de sumptuosos palácios e vivendas elegantes, há tantas barracas e tocas de pedra!

### Austeridade

CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAG.

sem renúncia, sem cruz.

Não é preciso destruir os crucifixos cravados com diamantes, mas é preciso que, a seu lado, bem à vista de todos, especialmente dos grandes, estejam os enormes crucifixos presos com duros pregos, com chagas abertas, e com bastante sangue a correr. Os políticos de hoje da maior parte das nações, digamos a palavra, de todas as nações do mundo, falam em austeridade, porque talvez não tenha havido bastantes sacerdotes que tenham falado eloquentemente da penitência. Talvez uma vez ou outra tenhamos feito o sinal da Cruz imediatamente antes dum prejudicial banquete. Mas o nosso pensamento estava em Jesus Crucificado, ou nas raras iguarias, ou nos vinhos de altíssimo preço? A frequente aliança do sim e do não.

Descansamos para trabalhar ou trabalhamos para descansar? Comemos para viver, ou vivemos para comer? De bom grado daremos um beijo na Cruz em Sexta Feira Santa, mas, se alguém nos diz para a tomarmos todos os dias, não o ouvimos, não o compreendemos. Deixando o confessor, iremos ao psicanalista. Será apenas uma questão de tempo.

Se os sacerdotes só falassem de flores, os políticos só falaria de austeridade.

Vem aí o tempo quarismal. A Igreja mitigou o jejum, mas não queimou a Cruz.

Padre Fonseca

Todos os que passam de passeio na avenida marginal se mudassem um pouquinho a direcção para o interior a ver onde vivem outros irmãos, haviam de chegar a casa a sangrar, se ainda têm sangue de nobreza.

Logo ao pé fica Oeiras, aonde o pároco anda em aflições por estar a expirar o prazo de construção das casas no terreno que para isso foi doado. E parece que ninguém lhe quer acudir!

Em Peniche o Snr. Prior e Presidente da Câmara querem dar batalha às barracas e substituí-las, provisoriamente, por casas muito precárias. Ora nós não somos desse parecer. Faça-se pouco, mas bem feito. Leva mais tempo, mas fica feito de uma vez.

Um caso: numa cidade portuguesa as autoridades construíram uma série de casas de madeira para alojar, urgentemente, famílias que viviam no traçado de uma avenida. Acontece o que já era de esperar. Tanto dinheiro gasto e as famílias continuam sem casa.

Na Figueira da Foz os vicentinos com o Pároco andam a trabalhar para construir mais quatro e a Voz da Figueira não descança enquanto não completar o Bairro Padre Américo.

Ali perto, num dos últimos dias de invernia, os habitantes de desmantelado curral, sentindo-o a ruir, vão ter com o Snr. Prior que vive junto de sete famílias no Património dos Pobres e

suplicam: — ao menos, ao menos deixe-nos ficar na capoeira dos coelhos, se não morremos onde estamos. Naquela mesma hora aquele pastor, que tanto tem feito, começou a dar mais passos pelo bem de seu rebanho.

Bombarral encheu-se de alegria e entregou mais cinco. Vila Nova de Tázem revestiu-se de festa a inaugurar o seu bairro de seis. Vila Verde entregou mais uma. S. José das Lavegadas festejou a sua primeira. Teixoso e Tancos têm cada uma mais três prontas a entregar.

Cantanhede começou mais duas. O Pároco de Vendas Novas anda muito aflito com «cães». E agora que falo de «cães», temos que dizer publicamente que estamos sem dinheiro. Na minha mesa de trabalho estão muitas cartas à espera e eu não sei que responder. Não temos dinheiro. Atenção Senhores Ministros e Senhoras Autoridades!

Sempre que tenho uns momentos livres aí vou eu para junto de um grupo de vinte que se estão a fazer em Coimbra. É ali agora o meu recreio. Falo com os operários, ouço as suas mágoas, comungo da sua alegria, pergunto por seus filhos, participo da sua vida.

Os pobres da cidade já todos lá foram ver. O que eles me vêm dizer de bem! O espanto de casas tão boas!

Ando preocupado por ver que não podemos acabar. Tem lá ido tão pouca gente que ajude!

Só tenho a acusar doze contos para a «Casa Santa Ana» em memória da Mãe e junto aos poucos e com muito amor.

Padre Horácio



## CALVARIO

Este ano toca-me a vez de correr as igrejas do Porto a fim de pregar no altar os doentes do Calvário. O Porto corresponde-mui generosamente, consoante a tradição. Pois, outro dia, na capela das Almas, alguém veio ter comigo para apresentar um caso. Que fica no Bairro do Leal. Que se trata de cancerosa. Que é caso típico para o Calvário, porquanto incurável e já excluída dos hospitais.

Tendo por companheiro o Sediolos, meu guia no emaranhado das ruas, a que não estou ainda afeito, chego ao local. O número mostra-nos uma casita baixa com gateiras no telhado. Bato de mansinho. Vizinhas a estender roupa pela rua fora, açenam-me que ando enganado por estes lados, e insistem em que ninguém chamou padre. Ora, eu não fui chamado, é certo; muito menos para o fim que elas supõem. O cristianismo tradicional da nossa boa terra associa o padre à morte. Só à proximidade desta se tolera e, às vezes, se compreende a presença daquele.

É aqui não consta que alguém esteja em semelhante transe. Fico triste com a mentalidade do povo, aqui revelada: o padre é

sinal de morte, de tragédia e não de vida e esperança. Talvez esteja nisto a razão do mau agoiro com a presença do Sacerdote.

Fico incomodado, repito, com estas vozes femininas que pretendem embargar-me o caminho, por suporem que vou encomendar um defunto para a cova. Não Senhor, venho por uma doente que sofre, e sofre muito por certo.

A porta 27 abre-se. Procuo pela Senhora Esmeralda. Confirmam a existência da doente no sótão da casa. Subo. Pequeno e baixo o compartimento, atulhado com duas camas. Quatro mulheres o habitam. Nenhum parentesco entre elas, a não ser o da pobreza. Pagam ao dia a pousada em tão fraco aposento. A doente muito pálida a um canto. Digo ao que venho. E oiço gemer uma narração de vida humilde, que afinal desfecha heroicamente.

Filha de gente pobre, cedo ficou orfã de pais. Vive longos anos no Porto, como criada. Há dois meses sente-se mal do peito, deixa os patrões e recolhe ao hospital. O mal vai adiantando — declaram-lhe; — nada há a fazer. Decorridos quatro dias dão-lhe alta forçada e ela fica na rna.

## CAMPANHA DE ASSINATURAS

Aqui vai um colaborador que é de Avintes, e algo tem feito pela causa do Famoso:

«Não basta preencher uma lista com supostos nomes de assinantes; isso é facilimo. É preciso indagar se é de motu próprio, pois caso contrário a missão tornar-se-á estéril. Há-de acontecer até muitas vezes que muitos dos que recebem o Gaiato o não lêem, o que é mau: é a semente da parábola que cai no meio do mato. É tentar arrotear terreno pedregoso. O ideal seria, pois, que todos quantos recebem o Gaiato o lessem. Em contrapartida, quantos dos que não podem liquidar as assinaturas, gostariam de ler e comungar espiritualmente com aquela galeria imensa de vultos derrubados pelo vendaval impiedoso da miséria, que o Gaiato nos põe diante dos olhos, sem um traço a mais, pleno de realismo e sinceridade. Mas esses não têm a coragem, com raras excepções, de solicitarem o envio grátis do Gaiato. Pois deviam fazê-lo. Entre o enviá-lo para quem pode, mas não o lê nem o paga, é preferível enviá-lo a todos quantos o compreendem — o amem, embora o não possam liquidar».

Quem já disse melhor esta doutrina, que tantas vezes temos dito?!

Uma carta de Coimbra, uma nota de ternura:

«Como não posso preencher a lista dos assinantes que me enviaram, visto ter-se perdido, envio o nome dum netinho meu que quer ser assinante, é do seu mealheiro que paga, por isso envia só 50 escudos para o primeiro ano, mas promete quando puder, lembrar-se dos gaiatos com mais alguma coisa. Ele lia o meu jornal, mas quando viu a lista, e o apelo para novos assinantes, quis logo ser um deles. Este meu neto, é um bom rapazinho, amigo de dar. Por vontade dele não havia no mundo necessitados».

O quadro de beleza!

Aí vai mais uma, de Lisboa:

«Convalescente duma grave doença não quero deixar de colaborar na vossa campanha de assinaturas e enviar as que me foi possível. São poucas, paciência».

Se «O Gaiato» pudesse entrar em todos os lares e lhes comunicasse o fogo da Caridade em que ele abraza, a vida seria muito mais suave para todos! Mas há ainda tantos indiferentes!»

Mais outra carta; explosiva de sinceridade e dedicação:

«Em tempos arranjei algumas, não com a intenção de colocar mais uns números do «Famoso» mas sim pensando em fazer, por intermédio dele, tanto bem às almas dos novos assinantes como tenho recebido desde que o conheço e leio. Ainda há momentos, ao ler o desfile de boas vontades que se encaminham para o Presépio Vivo — «Belém», o meu coração se emocionou tanto que as lágrimas correram abundantemente de meus olhos».

O Avelino continua a não ter mãos a medir. Neste momento procede, até, à abertura de fichas de novos assinantes. Eu gosto de por lá passar nessa maré. São horas cheias. Que ele é um mundo de terras do Minho ao Algarve e Ultramar. Por exemplo, demonstros ao trabalho de anotar as mais frequentes durante esta quinzena: Braga (Resposta à chamada de um Vicentino fervoroso. Os assinantes de lá adormeceram? Há terras de província a bater Braga aos pontos!), Idanha-a-Nova, Cascais, Castelões (Besteiros), Póvoa de Varzim, Cacia, Tomar, Ponte da Barca, Régua, Maceira-Liz!, Castelo Branco, Faro, Chaves, Tavira, Mogadouro, e Vila Fernando e Évora e Portalegre e Alandroal. Alentejo! Feliz despertar!

Ainda chega correspondência com prováveis assinantes! Agradecemos a boa intenção; porém, informamos, novamente, que este género de trabalho, na prática, não é nada aconselhável, por muitas razões.

O Avelino terminou, neste momento, o serviço da quinzena e diz que até hoje recebemos 1.462 assinantes.

Alto! Falta uma palavrinha pró Ultramar. Continua a recepção de boas notícias do continente negro! Lobito, Moma (António Enes), Macuze (Quelimane), Bissau, Caimbambo (Angola), Beira, Vila Pery e Lourenço Marques destacaram-se.

Mais alto! Com a pressa de terminar — ai o espaço! — esquecemos de botar uma referência às capitais do Norte e do Império. É práqui uma luta que só vista! Vem uma carta de Lisboa, chega outra do Porto. Será que eles conversam uns com os outros?!

Júlio Mendes

Decisão singela, mas terrivelmente dramática.

Por informação sabe desta dormida. Alguém paga por ela a diária. Contudo falta o tratamento adequado e necessário. Ali não há possibilidade de o fazer. A vista cega entretanto. As forças debéis extinguem-se. A prostração é quase completa. O abandono de igual dimensão.

Sente-se só. Uma escorraçada do convívio dos homens. «Não há lugar porque é forçoso cedê-lo». Não preciso de mais atestados ou documentação. O local, o ser jacente, comido pelo sofrimento, que no leito definha, e que o Sediolos mais eu temos ante os olhos, bastam. A Senhora Esmeralda vem connosco. É uma re-

CONTINUA NA QUARTA PAGINA

# BELÉM

«Uma casa de família para as sem família».

«O espaço no Famoso é, cada vez mais, vital e temos de condensar».

Então vamos já às cartas dos leitores e eles que digam de sua justiça!

«Junto tenho o prazer de vos remeter um vale de 370\$60. Ele representa o aumento sofrido pelo meu ordenado de funcionário público. Representa também o grande desejo de poder acorrer à vossa chamada, a bem daquelas que tanto sofrem e quase sempre por culpa nossa... Nunca a sua caneta se cansa de nos mostrar as verdades, muitas vezes tão desagradáveis. Mostre as verdades e a culpa dos homens, para que assim eles se envergonhem»...

E a carta, muito longa, continua dizendo verdades como punhos. Tenha paciência, leitor, que «o espaço é cada vez mais vital». Iremos tratando todos esses pontos por pequenas doses.

Uma Viúva envia 500 escudos, que tinha como recordação do último ganho de seu Marido e estavam reservados para qualquer grande falta. De Coimbra, uma Maria com 20. De Lisboa 100, em sufrágio da alma de alguém que trabalhou devotadamente na obra de protecção às raparigas abandonadas. «Uma portuense qualquer» marca presença com 20, prometendo lembrar-nos ao Senhor, nas suas orações. 150 de «um coração que pertence à Obra». De Aveiro, grande quantidade de roupas usadas, tão bem lavadinhas! Do Porto, uma encomenda com roupa interior. Mais outra de roupas interiores. Mais roupas usadas. Entregues em nossa casa, várias peças de roupa para duas meninas e um par de sapatos. De Lisboa chegou um fogão a lenha, em segunda mão. Que jeito nos vai fazer!

Do assinante número 17.668, do Porto — 30\$. Da assinante número 24.434, de Lisboa — 70\$. Do assinante número 6.660, do Porto — 100\$. No Espelho da Moda — 50\$. Do assinante número 28.562 — 100\$. «Quem lê o Gaiato medita» — diz alguém que envia 20\$. De Trofa, 50\$. De P. B. 50\$. Do assinante número 20.335 — 20\$. Do Porto, «um amiguinho de Belém» envia 20\$. Mais 90\$. «Envio junto 20\$ e que Deus ajude e dê saúde a mim e meu marido, para poder enviar cada vez mais». 400\$ de Cañto e Castro, Lisboa. Da assinatura número 560 — 50\$. Da assinante número 15.078 — 40\$. Dum anónimo — 100\$. De Lisboa, 2 capinhas de lã e mais outra. Maria Cecília envia 20\$ e seu marido 50\$, como contribuição de Janeiro e Fevereiro. Pelos vistos, tenciona voltar todos os meses. Da Maria e da Alice — 100\$. «com desejos sinceros de grande incremento e de muita generosidade, sinal de compreensão e adesão a tão grande e necessária obra». Pelo correio vieram 5 vestidinhos, de Lisboa.

«Cá venho, com as minhas saudações, cumprir o prometido. Deus permita que muitos tomem o mesmo encargo e favoreçam a vossa obra com quantias mais

avultadas» — mais 100\$. Um casal de Viseu, 25\$.

«Com todo o coração, vai só uma migalhinha e a alma a transbordar de alegria por ter surgido Belém — 20\$. «Por Belém — tudo — é ainda muito pouco!»

Uma das Marias de Besteiros voltou com outro cabaz de tangerinhas. E que docinhas! As pequenas todas se regalaram! De Figueira de Castelo Rodrigo, encomenda com roupas de cama e 20\$. De «uma mãe amiga», Ilhavo, grande quantidade de retalhos, pedindo orações por Filhos e Marido. De A. M., Minas das Panasqueira, um fogareiro de petróleo. De Padre Branco — 100\$. De José Maria, Porto, vale de 1.000\$. De Setúbal — 200\$. Da Lageosa do Dão — 50\$.

Do Porto, «uma entusiasta pela Obra de Pai Américo» envia 50\$ e diz: «Fez bem em lançar-se para a frente, confiada apenas na Providência».

Por tantas palavras de estímulo e carinho e por toda a contribuição material, bem hajam.

O nosso endereço: **Belém — Vildemoínhos — Viseu.**

Inês

## Notícias da Conferência da nossa Aldeia

O QUE RECEBEMOS: Apesar de, por via da falta de espaço, havermos deixado de publicar donativos, nem por isso — graças a Deus — esmoreceu o interesse dos leitores pelos nossos Pobres. Para o quê, vejamos: A. F. do Porto, aí vai com 50\$ de Janeiro e Fevereiro. Mais 40\$ de Coimbra. 100\$ de Monção. Metade de Tremês. Outra vez cem, no Lar do Porto, e esta legenda: «Gostaria de mandar todos os meses embora quantia menor, vamos a ver se desta vez vou começar sem interromper». Minha Senhora: com um pouco de vontade e a ajuda de Deus verá que não falta. Esta coluna é fértil em devotos persistentes. Atenção Beira! O Pessoal do Standar Bank segue com 340\$. A semente espalhada por Pai Américo não caiu em terreno arenoso. Toda a África vibra, ainda, por aqueles momentos involuntários de 1952. E 100\$ de José Maria Silva, do Porto. E 25\$ de uma Senhora Amiga, de Casal delo. E 100\$ de José Rocha, do Col'seu do Porto. E 20\$ de Sá da Bandeira. África a marcar em cheio! E outra vez África. Outra vez a Beira! Eu não sei que dizer: não sei. Ele é um mundo de recordações que me embarga a voz. Obrigado Maria Luiza Fontes, da Beira. Tanto pela importância como pelas carícias para o meu Américo. Deus lhe pague tanto carinho. Gracela Serrano, 10\$. Do Campo Grande, 50\$. Mais 30\$ do Funchal. Mais 40\$ de uma «lhoeta de alma amargurada. O Senhor há-de aliviá-la a cruz. Um meu homónimo de Mdões segue com 50\$. Já é tempo de formarmos um grupo onomástico! Florinda A'ves, 20\$. Da conhecida assinante 17640 o mesmo. Obrigado pelas carícias pró meu filho. Eu fico muito contente. Ora se não, «Quem meus filhos ama minha boca adora», não é verdade? Outra vez 20\$, agora de Cacém. E do Capitão Thérion igual quantia. É o que ampara os ardinas? Se for, aqui vai um abraço, pelo que faz por eles — que tanto precisam. A propósito é bom recordar que nos já distantes anos em que vendíamos o «Famoso» no Porto, as primeiras vendas do jornal, Pai Américo enchiam o bolso de senhas para distribuir por eles, com direito a refeição numa cozinha económica, que ainda existe. Pois, ainda, hoje, alguns dos rapazes ardinas — hoje homens — quando por

## PAÇO DE SOUSA

COISAS: Uma leitora veio cá a casa. Perguntou pelo Daniel. Aparecemos tal qual somos. Escreveu-nos depois a

tos usaremos o cognome de feio. Assim: «Feio!»

Obrigado estimada leitora pela lembrança e mande sempre.

## PELAS CASAS

## DO GAIATO



dizer: «Você é tão feio e escreve tão bem!» Não ficamos admirados nem temos desgosto em ser feio. O homem quer-se assim. Não há coisa mais feia do que um homem bonito. Até gostamos e nos nossos simples apontamen-

## CALVARIO

CONTINUAÇÃO DA 3.ª PAGINA

clamação pungente da ideia última, que a Pai Américo o Senhor segredou, em prol dos pobres mais pobres — os doentes incuráveis.

É uma voz clamorosa deste último bem finito, o Calvário — pausa antecedente do bem infinito, onde não haverá mais dor, nem penas ou desprezo, mas somente o amor do Pai Celeste difundido e vivido em pleno pelos que forem dignos de o participar e fruir.

Ele é, pois, lugar de paz serena, esta do Calvário. Converte instantaneamente ao amor dos irmãos mais sofredores e experimentados pelo Pai Comum: actualização sensível do apelo de Cristo ao amor fraterno. Quem posto diante dum irmão precisado, não vihre e consequentemente não ame, permaneceu na morte, não fôra a Caridade a manifestação verdadeira da autêntica Vida — Deus a viver em nós.

Estes doentes sem cura, sem esperança humana, são uma exigência benéfica, enquanto nos coagem ao cumprimento do mandamento novo do Senhor.

Bem hajam os doentes. E que eles compreendam quanto lhes queremos, pela ocasião que nos oferecem de amarmos a Deus.

Padre Baptista

mim passam lembram com saudade: «oh pá! e quando nos davas senhas!» Eu gosto da maneira familiar como me tratam os ardinas meus companheiros daquele tempo. Nem eu subi mais, nem eles — somos irmãos, irmãos em Cristo. Ora aqui está.

Ezequiel! Pinto — um bom cliente da nossa Tipografia — é um «ferrinho». Ele vai como de costume. José Lima Faria, 40\$. Minucha e Primos também não faltam! Graças a Deus. No Espelho da Moda, 500\$ de Reis & Pousada. Eina! Assim, s.m. É um nosso Fornecedor de materiais e diz tudo. 50\$ das Ca'das, com a discrição habitual. A assinante 17022, persiste. Mais graças a Deus. A n.º 24714, com 100\$. E mais África: 100\$ da Matola. O Morambique, como tenbo saudade das tuas gentes e terras e tudo! Figueira de Castelo Rodrigo está bem representada, pe'a mão de um cidadão ilustre e 50\$. E o mesmo do assinante 10348. A minha professora de instrução primária leva 20\$. Que Deus a ajude. Professor Luís Viegas, o mesmo. Maria Emília, do Porto, 50\$. Américo Lopes, 50\$. Uma cam'sola vermelha, de algures, que é um amor! Quinta do Anjo, 10\$. No Lar do Porto: 235\$ e mais 30\$. E 50\$ do Porto. E mais Porto 50\$. E viva o Porto! E uma mi'ga ha de 10\$ e uma carta que devia ser transcrita, mas... o espaço! Sempre ele a travar! E, finalmente, 20\$ de Luanda. Bravo, senhores africanistas! Que Deus vos ajude.

Júlio Mendes

— Esta é a hora em que a humanidade se debate com graves crises de todos os transe. Onde as asas da incerteza cingem de todos os quadrantes. Onde a sensibilidade quase não dá acôrdo de si. A Obra da Rua caminha em passo certo, lento, seguro.

Dia do Santíssimo Nome de Jesus. Os maiores, a guns chefes, todos com responsabilidades, foram a Beira para celebrar o dia da «Obra da Rua». Dia de inverno em Janeiro, quatro pequenitos são guardados num casarão quase a desfazer-se de velho. As paredes lodosas, as telhas antigas, musgosas. Aqui e ali, uma gota de água quebra o silêncio. Pai Américo serve a sopa a quatro pequeninos. As lágrimas vêm-lhes aos olhos e fazem grande exclamação. Assim: «Ah! que bom!» Nunca tinham comido sopa quente.

Desde aquele momento, a Obra da Rua passou a existir. No Céu tinha brilhado nova estrela. Com uma intensidade! Fulgor deslumbrante!

A semente caiu à terra. Apodreceu. Deu a ilusão de morte. Na altura, levantou-se. Hoje, árvore frondosa que se divisa de todos os polos! O tronco é Pai Américo. Os ramos os Padres da Obra da Rua. As folhas toda a enorme legião de gaiatos de todas as terras de Portugal. A seiva, Deus e Sua Corte!

Alguns dos seus ramos cairam. Uns derrubados pelas intempéries. Outros que se quiseram tornar independentes, seguindo o caminho da esterilidade. Outros murcharam porque de mundo d'ferente. Outros estavam a mais, vem o podador e corta, para que haja menos lenha e mais fruto!

Beira. SS. Nome de Jesus. Ali a Casa do Gaiato. Aqui o Calvário. Ali a Cruz. O que era espigão da terra, ora de Pão sobrenatural. Aqui os membros da família que já têm mente. De cima da humilde pedra do altar, o nosso Bispo que se nos dirige paternalmente. Testemunha o acto um humilde Cristo Crucificado, numa cruz mais humilde. O Sacrário, também de pedra, com uma porta que mais parece de uma fortaleza. Senhor Padre Carlos, todos os outros pais. A seguir nós todos, nesta capela simples como o é Cristo, com suas paredes nuas, onde os barrotes nos deixam d'visar as ripas de fásqueto. Os pequeninos e simples vitrais indicam que por aqui passou o Mestre! Ao lado o hospital. Circuitadas, as casas que dão vida aos mortos. Os caminhos da Palestina, Galileia, Jerus'ém, São, Gógota estão aqui. O Mestre é o mesmo de há 20's mil anos. É de sempre. E as multidões continuam no seu encalce. Aqui, nestes caminhos, há pegadas de sangue, pois as feridas continuam a jorrar. Vemos a túnica desfrá dar ao vento e as espadas a atravessarem-na. Vemos o Cireneu que se quer tornar sacrificado. A face do Mestre impressa em pano. É despojado e suas vestes jogadas a dado! As mães a chorar. A ambição humana, a passar à porta. O homem a pensar que depende de si. O escárnio dos maus. A ironia da indiferença. Os que aproveitam a confusão para se apoderar do que não é seu. Os senhores grandes do tempo banqueteiavam-se. Escravos prestam-lhes reverência enquanto o verdadeiro Mestre está preso à coluna! Cá fora faz frio. O ar gélido corta as faces. Passam as gentes. Passam os Pobres. E a vida continua...

Calvário de Beira é o Calvário. Uma réstea de luz a brilhar por meio das casas alegres e airozas, que o sol, parece que envergonhado espreita por entre os pinheiros e demais arvoredos que comporta esta mata.

Dia do SS. Nome de Jesus. Dia da Obra da Rua.

Feio

Visado pela  
Comissão de Censura

## LAR DO PORTO

CONFERENCIA: Antes de mais nada, amigos leitores, lembro-vos os recém-nascidos e os petizes até aos sete anos dos nossos irmãos pobres, que continuam à espera das roupas que na anterior crónica falei. É natural que tenham dado muitas pelo Natal, mas ainda deve haver um pouquinho do vosso coração para os filhos dos nossos socorridos.

Sinto imensa alegria, quando, ao entrar em casa dos pobres, os vejo limpos e asseados com aquelas roupas que vós nos tendes mandado.

Não se esqueçam pois desta Conferência. Quem d'z desta, diz de todas as outras principalmente as de rapazes novos.

Concerteza sabem o bem que fazem: Os pobres ficam radiantes de alegria; os filhos destes, mal nos avistam, vêm logo ao nosso encontro, agarram-se-nos ao pescoço e desfazem-se em carinhos. Vós que dais com o coração também lá estais, pois Deus vê tudo; se vê tudo, certamente, vê também lá o vosso sacrifício.

Quem d'z que nós vamos a casa dos pobres dar? Vamos mas é receber. Sim, porque o que levamos não é nada para as suas necessidades; mas o que trazemos! O! esse é imenso, ou Pai Américo não tivesse querido as Conferências em nossas casas, senão para este fim.

Quanto dos nossos se teriam salvado se não tivessem desprezado o nosso irmão pobre, pois este, não nos deixa esquecer o que éramos e o que poderemos vir a ser, se não tivermos sempre presente o nosso passado. Na visita ao nosso socorrido, aprendemos, o que a vida nos depara; as dificuldades, os maiores perigos sem termos passado por eles.

Caros Amigos: ajudai-nos pois a conhecer, mais e melhor, as dificuldades da vida, enviando-nos um pouquinho do vosso quinhão para o distribuímos pelos nossos irmãos pobres desta cidade.

Não deturpemos a Caridade. Ainda há uns dias presenciei um caso dum embriagado que passa a vida a pedir pelas igrejas e pelas ruas. Conheço-o muito bem, pois já lhe temos matado a fome, mas não a sede, não!

Não deturpemos a Caridade. Juntaí os tostões que costumais dar na rua a qualquer pedinte, ou às portas das igrejas a qualquer mendigo e ide a casa de um necessitado matar a fome, ou va'er-lhe numa aflição. Viver a alegria que nós vivemos ou sofrer o que por vezes sofremos.

Senão entrem como subscritores para qualquer Conferência, dando aqueles tostões e, assim, sabem ao certo que não estão a contribuir para um Portugal pior.

Fernando Dias

## TOJAL

Tojal em grande festa. Tojal reapareceu transfigurado. Novo. Prometedor. Com vastos horizontes e profundos. Há muito desejávamos vê-lo assim. A esperança não desapareceu que, para isso, houve muito sacrifício, renúncia e oração. Sentam-se envergonhados perante a sujeição que lhes foi tão afve'e que se lhes deu de maneira total, resignada e desinteressadamente. Feliz movimento e revoltas interiores. Fez brilhar o Sol e reaparecer a aurora. Destruiu a incompreensão, o mau humor e, ao invés, fez resplandecer a razão, a amizade e o direito de ser como se apelava. Respira-se a atmosfera sábia e uma pureza que desejamos cada vez maior.

— Queremos lembrar-vos da nossa conferência. Não há cobres quase nenhuns na Caixa!

Os Senhores querem que a gente vá aos Pobres de mãos vazias? Esperamos que na volta do correio chegue alguma coisinha e, assim, irmos pelos Pobres com outra cara.

Zé do Porto